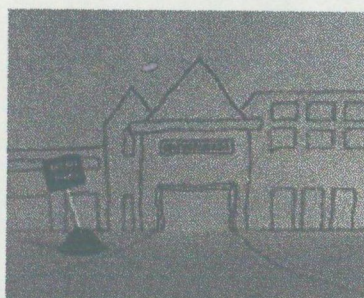




Ranking



Cursinhos bons e de graça



Alunos de baixa renda e gente que há muito tempo se afastou dos estudos ou teve um ensino médio deficiente já podem sonhar novamente com a universidade. Há, no país, iniciativas de alunos e professores que trabalham, voluntariamente ou com baixos salários, formando alunos carentes que queiram encarar os vestibulares das escolas públicas.

Há treze anos o cursinho da Escola Politécnica da USP (tel. [11] 210 4722) existe como um pré-vestibular para alunos de baixa renda. Faz tanto sucesso que 15000 candidatos disputam suas 850 vagas anuais, e 33% dos que ingressam no cursinho são aprovados em universidades públicas. O Cursinho da Poli conta com uma estrutura que inclui, por exemplo, um convênio com o Departamento de Serviço Social da PUC-SP, responsável pela seleção socioeconômica dos candidatos. "A intenção é oferecer um ensino qualificado para um público que realmente tenha dificuldades econômicas", explica André Miranda Leite, coordenador do cursinho.

Outra iniciativa, que surgiu no Rio de Janeiro e tem representantes em vinte estados brasileiros, é o Projeto para Negros e Carentes (tel. [21] 756 0804), do frade franciscano David Raimundo Santos. Em 1993, o frade reunia em São João de Meriti, na Baixada Fluminense, dez professores e 98 alunos numa pequena sala. Hoje, são inúmeros cursinhos espalhados pelo Brasil (128 só no Rio de Janeiro). É o caso do projeto Universidade para Todos (tel. [27] 335 2921), em Vitória (ES), que surgiu por iniciativa de três estudantes do curso de Administração da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Na última seleção, 5000 candidatos disputaram as 300 vagas do cursinho, que tem público definido: alunos da rede pública com renda familiar de até oito salários mínimos. Três empresas – Companhia Siderúrgica Tubarão, Aracruz Celulose e Cia. Vale do Rio Doce – e a prefeitura de Vitória financiam o projeto. "Temos média de aprovação de 32% na UFES e já obtivemos cinco primeiros lugares", orgulha-se Rodrigo Trazzi, coordenador do projeto.

Bons resultados são também o forte do Zumbi dos Palmares (tel. [51] 223 5370), do Rio Grande do Sul. São seis núcleos no Estado, com 215 alunos no total. Os alunos arcam apenas com pequenas despesas de material, desembolsando mensalmente, para isso, 5% do salário mínimo. "Em poucos anos de trabalho, conseguimos aprovar mais de trinta alunos", conta João Pedro Faria Rodrigues, coordenador do primeiro núcleo e supervisor do projeto.

Neste ano, na Bahia, nasceu a Cooperativa Conexão 21 (tel. [71] 934 1893), cursinho pioneiro de baixo custo no Estado. Por 34 reais, os alunos terão as disciplinas do vestibular, ministradas por graduados e alunos, a maioria da UFBA. Duas turmas já estão funcionando e outras parcerias vêm sendo feitas com associações de moradores, sindicatos e até centros religiosos. "Esse é um projeto economicamente viável e é também uma oportunidade de emprego para quem está saindo da universidade", conta Penildo Filho, coordenador na cooperativa.

volta

Home

Revista do mês

Ranking

Mulheres

Videos

Confrarias

Especiais

Assine já

Edições anteriores

Fale com Playboy

Playboy USA

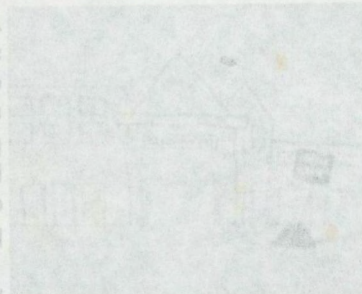
Copyright © 1999, Abril S.A.

Abril Online

UNIVERSO ONLINE INDICE CORREIO RATE-PAPO FORUM SERVICO AO ASSINANTE MEU UNIVERSO RADAR UOL

Cursinhos bons e de graça

Alunos de baixa renda e gente que há muito tempo se afastou dos estudos ou teve um ensino médio deficiente já podem sonhar novamente com a universidade. Há, no país, iniciativas de alunos e professores que trabalham voluntariamente ou com baixos salários, formando alunos carentes que podem entrar os vestibulares das escolas públicas.



Há treze anos o cursinho da Escola Politécnica da USP (tel. [11] 210 4722) existe como um pré-vestibular para alunos de baixa renda. Faz tanto sucesso que 15000 candidatos disputam suas 850 vagas anuais, e 33% dos que ingressam no cursinho são aprovados em universidades públicas. O Cursinho da Poli conta com uma estrutura que inclui, por exemplo, um convênio com o Departamento de Serviço Social da PUC-SP, responsável pela seleção socioeconômica dos candidatos. "A intenção é oferecer um ensino qualificado para um público que realmente tenha dificuldades econômicas", explica André Miranda Leite, coordenador do cursinho.

Outra iniciativa, que surgiu no Rio de Janeiro e tem representantes em vinte estados brasileiros, é o Projeto para Negros e Carentes (tel. [21] 756 0804), do padre franciscano David Raimundo Santos. Em 1993, o padre reuniu em São João de Meriti, na Baixada Fluminense, dez professores e 98 alunos numa pequena sala. Hoje, são inúmeros cursinhos espalhados pelo Brasil (128 só no Rio de Janeiro). É o caso do projeto Universidade para Todos (tel. [27] 335 2921), em Vitória (ES), que surgiu por iniciativa de três estudantes do curso de Administração da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Na última seleção, 5000 candidatos disputaram as 300 vagas do cursinho, que tem público definido: alunos da rede pública com renda familiar de até oito salários mínimos. Três empresas -- Companhia Siderúrgica Tubarão, Atacuz Celulose e Cia. Vale do Rio Doce -- e a prefeitura de Vitória financiam o projeto. "Temos média de aprovação de 32% na UFES e já obtivemos cinco primeiros lugares", orgulha-se Rodrigo Trazzi, coordenador do projeto.

Bons resultados são também o forte do Zumbi dos Palmares (tel. [51] 223 5370), do Rio Grande do Sul. São seis núcleos no Estado, com 215 alunos no total. Os alunos arcam apenas com pequenas despesas de material, desdobrando mensalmente para isso, 5% do salário mínimo. "Em poucos anos de trabalho, conseguimos aprovar mais de trinta alunos", conta João Pedro Faria Rodrigues, coordenador do primeiro núcleo e supervisor do projeto.

Neste ano, na Bahia, nasceu a Cooperativa Conexão 21 (tel. [71] 934 1893), cursinho pioneiro de baixo custo no Estado. Por 34 reais, os alunos terão as disciplinas do vestibular ministradas por graduados e alunos, a maioria da UFBA. Duas turmas já estão funcionando e outras parcerias vêm sendo feitas com associações de moradores, sindicatos e até centros religiosos. "Esse é um projeto economicamente viável e também uma oportunidade de emprego para quem está saindo da universidade", conta Penildo Filho, coordenador da cooperativa.